



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CURSO HISTÓRIA

DISCIPLINA: HISTÓRIA ANTIGA II

PROFESSORA: PRISCILLA GONTIJO LEITE

ALUNO: LUCAS GUEDES PEREIRA ARNAUD ARROXELAS

ESCRAVIDÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA – GRÉCIA E ROMA

Na Antiguidade Clássica, a sociedade grega e a romana constituíam sociedades escravistas, o que não se caracteriza apenas pela presença de escravos na sociedade ou pela sua quantidade, mas pela posição que a escravidão assume, a ponto de conformar uma organização econômico-social. Portanto, sob o termo de escravismo antigo, podemos enquadrar ambas as sociedades. Não obstante, ao analisar os dois casos, são perceptíveis algumas diferenças entre o escravismo que ocorreu na Grécia e o da Roma Antiga; todavia, as particularidades que podem ser observadas não conduzem à negação do universal, o escravismo antigo, mas, sim, evidenciam a sua complexidade.

No que se refere à origem do escravismo antigo, podemos atribuir condições comuns que desencadearam seu começo, apesar das diferenças cronológicas. Muito já se tentou explicar a gênese do escravismo antigo pelas guerras, embora elas, indiscutivelmente, tenham contribuído para o desenvolvimento e a manutenção do escravismo, essa explicação se mostra equivocada, não podendo sustentar o raciocínio em que essa hipótese está baseada, ou seja, de que a oferta de escravos teria sido anterior à sua procura, inclusive tendo a produzido. O que parece mais plausível é de que a procura tenha produzido a oferta para supri-la, portanto, essa gênese estaria mais relacionada com a expansão das relações mercantis do que com a guerra. O historiador americano Moses Finley, em seu livro *Escravidão antiga e ideologia moderna*, estabelece três condições para o surgimento dessa procura, seriam elas: forte concentração da propriedade privada no campo, desenvolvimento da produção mercantil e incapacidade de suprimir internamente a demanda de trabalho escravo. Essas condições teriam sido encontradas no século VI a.C. na Grécia e no século III a.C. em Roma. O fim do escravismo também une os dois casos, tendo em vista que, nesse período, a Grécia fazia parte do Império Romano. Segundo Perry Anderson, a crise do escravismo antigo teve como principal motivo o esgotamento do trabalho escravo, a incapacidade de manter o fornecimento de mão-de-obra cativa devido à diminuição nas conquistas e a ausência de um mecanismo interno capaz de suprir essa demanda, portanto, ao se impedir a renovação dos escravos, uma crise no sistema escravista se gerou, a saída vista foi o colonato; o historiador marxista britânico relaciona diretamente a crise do escravismo com a queda de Roma, mas não sendo esta uma consequência direta e imediata daquela.

Uma primeira convergência que poderíamos apresentar se localiza na ambiguidade que o ser escravo apresentava, era, ao mesmo tempo, considerado como uma pessoa e como uma propriedade, o que se torna ainda mais acentuado quando se passa a observar a prática cotidiana a que esses escravos estavam imersos. Sob a polêmica categoria de escravidão-mercadoria é possível classificar tanto a escravidão em Roma como na Grécia. Também era comum aos dois casos aqui analisados o seu estatuto jurídico e o fato de comporem a principal força produtiva.

A guerra era a principal forma de reabastecimento de escravos, isso vinha tanto pela captura direta por parte de gregos ou romanos, como pela compra de escravos oriundos de guerras entre outros povos. A obtenção do escravo se dava por meio da compra. Também é observada uma baixa reprodução vegetativa dos escravos. Essas três características eram as essenciais do mecanismo de reposição da força de trabalho no escravismo. No mundo grego, o caso espartano apresenta uma diferença, sua economia não estava assentada sobre o trabalho de escravos, mas dos hilotas, que constituíam propriedade do Estado; apesar de corresponderem a uma forma de trabalho compulsório, nesse caso com base na dependência intercomunitária, não podem ser designados como escravos, erro muitas vezes cometido e agravado pelo fato de os gregos empregarem *doulos* tanto para a escravidão-mercadoria como para outras formas de trabalho compulsório.

Nas duas civilizações, os escravos se encontravam em diversos ramos da economia, desde os trabalhos mais desprezados até os que apresentavam certo apreço social. De fato, a propriedade do escravo era bastante difundida na Antiguidade Clássica.

Devido às principais características do escravismo antigo estarem presentes em ambas as sociedades, as diferenças não são tão salutares, todavia, pode-se apontar algumas. Uma primeira diferença pode ser encontrada nas revoltas empreendidas pelos escravos, estas foram muito mais comuns no mundo romano do que no grego, ocorrendo naquele revoltas de grande envergadura como a de Espártaco ou as da Sicília; isso se dava principalmente porque na Grécia não eram encontradas as grandes concentrações de escravos que havia em Roma, o que dificultava formas de resistência coletiva. Visível diferença se localiza na instituição do pecúlio, este foi muito comum em Roma, diferentemente da Grécia, onde ele nunca alcançou essa presença tão forte, nem apresentava um status legal. Quanto à alforria, ela era muito mais comum em Roma. Aliada à questão do pecúlio e da alforria, apresenta-se a do liberto, na Grécia, os libertos eram assimilados à categoria dos metecos, já em Roma, para os libertos havia a possibilidade de conquistarem o título de cidadão, a capacidade de ascenderem socialmente também era muito maior em Roma do que na Grécia; decorrente dessas diferenças, os libertos existiam em número bem maior na sociedade romana do que na grega, marcando forte presença nas diferentes esferas sociais, sendo bastante relatado nas fontes da época e conduzindo a determinadas discussões no seio da sociedade.

Referências:

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.. **O Trabalho compulsório na Antiguidade: ensaio introdutório e coletânea de fontes primárias**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FINLEY, M. I.. **Escravidão antiga e ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

FINLEY, M. I.. **La economía de la antigüedad**. 2. ed. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1986.



A imagem representa a urna contendo as cinzas de um liberto e de duas mulheres que seriam provavelmente a sua mulher e a sua filha. Esta urna é originária Roma Antiga, como se pode perceber pelas inscrições em latim e pela representação de Rômulo e Remo, onde a presença dos libertos foi muito mais forte do que na Grécia, conseqüentemente, tendo também uma maior importância social. Uma das razões para o maior número de libertos em Roma se deve ao pecúlio ter tido uma maior difusão. Essa urna também nos permite perceber a possibilidade do liberto de acumular riquezas e ascender socialmente.

Urna cinerária do liberto Tiberius Claudius Chryseros e de duas mulheres.

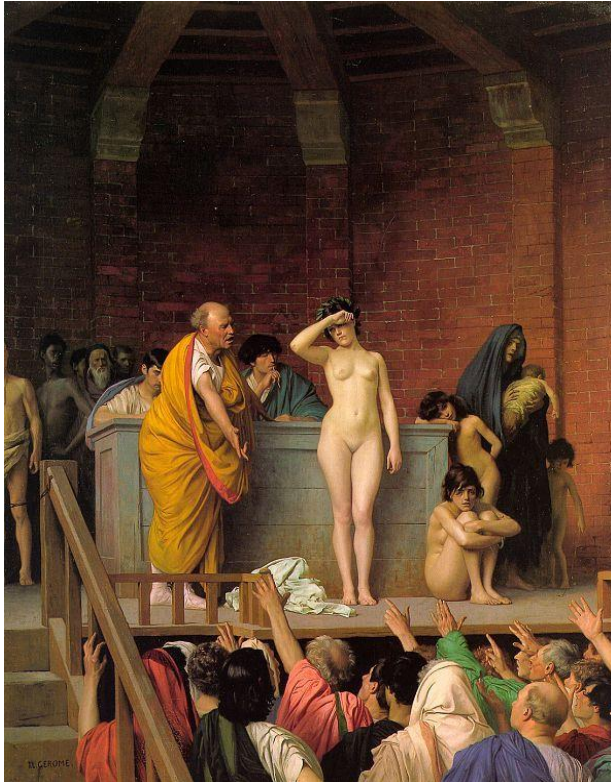
Disponível: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/DM_Tiberius_Claudius_Chryseros.jpg



A imagem representa escravos trabalhando nas minas de prata do Láurio. Tanto na Grécia como em Roma, o trabalho nas minas era em sua maior parte feito por escravos, sendo um trabalho que apresentava péssimas condições. Todavia, este não era o único destino dos escravos na Antiguidade, no mundo antigo os escravos se encontravam nas mais diversas atividades, sendo variadas também suas condições.

Pintura encontrada em Coríntio representando escravos trabalhando nas minas do Láurio

Disponível: <http://quatr.us/greeks/people/pictures/slaveminers.jpg>



A imagem representa um mercado de escravos na Roma Antiga. A principal forma de aquisição do escravo na Antiguidade Clássica era por meio da compra, o que lhe atribuía um estatuto legal de mercadoria, que, por vezes, era contrastado com a realidade do escravo no mundo antigo. A guerra era a principal forma pela qual as sociedades gregas e romanas eram abastecidas de escravos, sendo esse mecanismo essencial para a reprodução do escravismo. A imagem também apresenta a variedade na etnia, no sexo e na idade.

Mercado de escravos na Roma Antiga de Jean-Léon Gérôme, 1884.

Disponível: [https://s-media-cache-](https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/fe/cc/95/fecc955977b839b8fdd0d77c1c3bc419.jpg)

[ak0.pinimg.com/736x/fe/cc/95/fecc955977b839b8fdd0d77c1c3bc419.jpg](https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/fe/cc/95/fecc955977b839b8fdd0d77c1c3bc419.jpg)



A revolta de escravos que tinha a frente Espártaco foi um movimento que abalou Roma no final do período republicano. Enquanto Roma teve que enfrentar algumas revoltas como a liderada pelo escravo trácio, a Grécia pouco teve que se preocupar com esse tipo de situação, o principal motivo disso se encontra no fato de ela apresentar menores concentrações de escravos.

Escultura em mármore representando Espártaco de Denis Foyatier, 1830, Museu do Louvre.

Disponível: <http://diletant.media/upload/medialibrary/657/657726734b5f18523c14a87d1bac5e4d.jpg>